

Sociologia Artisticamente Engajada:

A práxis da Arte da performance feminista.

Lissa Tinôco

Fundamental para as formulações da Arte da performance nas Ciências Sociais, esta Pesquisa-Ação¹ faz considerações a performance *ABAJUR COR DE CARNE*², de autoria e prática da pesquisadora que complexifica problemáticas sobre o corpo da mulher na contemporaneidade. Ao fazer uso da linguagem da Performance como dispositivo visual complexo de interação, fomenta para pesquisadoras/es a ponte da Arte que promove sensações e problematiza reflexões acerca de questões sociais, assim como fazem as/os Cientistas Sociais.

A Arte da Performance, incansável Arte da experiência, se apoia na “partilha de sensíveis” (Rancière, 2005), na “estética relacional” (Bourriaud, 2009), na “estética emergente” (Laddaga, 2006), na “Arte Socialmente Engajada - ASE” (Helguera; Hoff, 2011) e nas “Obras Sociais” (Jackson, 2008). As tantas denominações da prática da Arte Social são exemplificadas por Jackson como:

[...] Arte ativista, trabalho social, performance de protesto, etnografia de performance, arte comunitária, estética relacional, pesquisa de ação e outros conceitos que sinalizam uma mudança social na prática artística, assim como lembram a dimensão representacional das formações políticas e sociais (Jackson, 2008, pp. 136-150).

Pensando nesta Arte como força potencializadora de discursos socialmente reverberados, bem como geradora de reflexões do interstício social, pretende-se aqui, compreender não o que é Arte, tampouco quando pode haver Arte. O estudo, entre outros desafios, se debruça sobre a autoria da cientista social em performance como dispositivo de engajamento político-social que se desdobra em afluentes vivos através dos quais a Arte eleva e abrilhanta a metodologia das Ciências Sociais. Destaca-se no decorrer do presente artigo a pesquisa ativada pela ‘ação’ da Arte da Performance e sua ‘re-ação’ horizontal para com sociedade pesquisada e reveladora do olhar pessoal da pesquisadora. As práticas artísticas são sensibilizantes, são pontes de diálogo, criadoras de sentido e de registro para

¹ Metodologia de Pesquisa-Ação utilizada (Tripp, 2005, p.447).

² Realizada em “Projetos de Arte Socialmente Engajada nas Ciências Sociais” como resultado de Programa Institucional de Iniciação Científica, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil, com incentivo de CNPq e orientação de Dra. Elaine de Azevedo e Grupo DISSOA (Diálogos Entre Sociologia e Arte).

a humanidade. A linguagem acionada – Performance - é estudada em um contexto de Arte Socialmente Engajada (ASE)³ – prática consolidada à medida que se constroem laços com a comunidade, evidenciando casos sociais como um ser de sensação para além da obra em si.

A Arte da performance, como elemento ativo sociopolítico, concebe experiências sociais e sugere novas oportunidades na visibilidade de problemáticas, a exercício não somente da/do artista-performer. A Arte Social concebe colaboração visual de exposição que vai além das proteções (galerias, museus e outras instituições e locais formais da arte) e quando as Ciências Sociais ativa essa poética, cativa-se um conhecimento da realidade social vigente que complexifica os debates da Sociologia/Antropologia/Ciência Política em espaço acadêmico e suas formas de manifestar reflexões sobre a sociedade (a saber, em múltiplas instâncias).

A curiosidade para com o dispositivo das correntes das Artes Visuais fez amadurecer a relação com a Arte da Performance e problematiza o que permeia as discussões da Arte Relacional e Arte Socialmente Engajada bem como suas contribuições para etnografias que as/os sociólogas/os produzem – logo, visa explorar a Arte como jogo de linguagem e participação autêntica em pesquisas/trabalhos de campo de tal maneira que transforma e salienta de forma vivaz as questões sociais.

Como um instrumento de diálogo complexo, revela-se na prática específica de performance feminista as diversidades sociais e políticas – os feminismos. A Arte da Performance (no caso, a performance de *ABAJUR*) se faz dentro de conceitos sinalizadores de ações comunitárias. Se dimensiona em uma Arte Social quando se elabora “junto” todo o processo de performance, em que circunstâncias características de uma comunidade se aciona e desenvolve projetos- obras que propõem reflexões e diálogo criativo entre “artista”, “obra” e sociedade, tornando, pois, uma relação de comunidade, de comum unidade em prol de reverberar uma mensagem organizada dentro de um sistema da Arte Visual.

A prática da performance –feminista- tem por interesse evidenciar o Ser mulher e expor as sensações como mulher e cientista social que contribuem para construir uma crítica ao princípio da identidade de uma sociedade utilizando o dispositivo da performance revelado por diferentes perspectivas de autoras artistas que também analisam a arte

³ Tradução de Socially Engaged Art (SEA).

feminista, abrilhantam ainda mais a pesquisa, como as contribuições de Lea Virgines (1974) em “Il corpo come linguaggio”, ou ainda nos anos 90, Kathy O’Dell’s em “Contract with the skin”, até textos mais atuais de Rebecca Schneider (1997) com “The explicit Body in performance”, Amélia Jones (1998) com “BodyArt: Performins the subject”.

Aplicando uma Sociologia Artisticamente Engajada, a pesquisa, sob um processo de pesquisa-ação, apresenta uma indagação social (a violação de direito de mulheres) e se potencializa em performances (elaboradas pela investigadora e outras mulheres interessadas), reverberando aqui a Performa-ção da performance *ABAJUR*. A pesquisa-ação também descrita como investigação-ação por Tripp (2005) introduz a metodologia aqui abordada de maneira a aprimorar usos de pesquisas em planos de ensinos. “Pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (Tripp, 2005, p.447). A pesquisadora age como uma espécie de profissional ativista que se movimenta a disposição de uma gama de atividades que dimensionam a pesquisadora a reflexão de si. A atuação acontece em seu próprio objeto - somos o objeto estudado! O movimento *in*, faz do objeto um importante aliado na capacidade de reflexão que, por conseguinte reforça o método, aqui, artístico.

No inventário dos procedimentos metodológicos estão também os encontros e oficinas participados e ministrados pela pesquisadora como importante potencializador de diálogos de performers, sociólogas/os e interessadas/os, bem como fonte de articulação de planos da performance com considerações colaborativas das participantes de *ABAJUR*. Das oficinas ministradas (2016 nas instancias da Universidade UFES, Brasil), a partir de encontros entre atuantes das Ciências Sociais para consolidar performance coletiva de *ABAJUR* com abordagem do que é performance, ASE e corpo como interface política frente ao cenário atual de propostas artísticas sociais (que afloram conhecimento sobre temas inerentes a sociedade e contribuem para formulações de linguagem artística nas Ciências Sociais ainda carente dessas ações), a pesquisa se sustenta no alicerce da intimidade de cada mulher que se permite a ativar o corpo performance como denúncia (*Bodyart*), compartilhando suas experiências com arte e sociedade, em que idealiza-se a partir disso, promover possibilidades de ASE nas Ciências Sociais como suporte de comunicação.

Pensando no criativo e experimental uso da Arte da Performance, importa revelar o percurso da Arte performativa e os desdobramentos desta metodologia da Arte Social, por sua vez, vivenciada e saturada por uma Cientista Social. A performance de *ABAJUR*, primeira experiência da pesquisadora em performance, despertou-se em 2014 em uma aula de Arte da performance na Universidade Federal do Espírito Santo sob orientação do Dr. Performer. César Huapaya. O requisito de avaliação da disciplina consistia em traduzir em algum suporte (vídeo, foto, teatro, performance, texto, instalação, criação de objeto) quais os ‘perceptos e afectos’⁴ particulares da/do estudante - afirmando suas relações, visões de ser e de estar no mundo. A forma de fazer vibrar sensações, escolhida pela pesquisadora, se deu através da Arte da Performance, considerando-a como área pouco explorada no curso de Ciências Sociais bem como assunto/prática contemporâneo também para Artes Visuais.

Exercitando a reflexão do Ser Mulher e privilegiadamente estar cientista social (ora cientista, ora performer) urge o momento de inserir a voz das mulheres nos espaços que lhes convir. Para tal, fazer uso da linguagem da performance, revela realidades assim como fazem as Ciências Sociais e a desafiante produção intelectual de mulheres. Da cientista frente às demandas das Ciências Sociais e desta mulher frente a ambientes socialmente construídos (como por exemplo o ambiente corporativo – neste caso, a universidade que contextualizou essa proposta), o uso da performance eleva novos olhares diante de reivindicações e comportamentos sociais da/para mulher no mundo. Em um contexto de uma universidade localizada em um estado que apresenta o maior índice de feminicídio e violência contra a mulher, segundo dados apresentados por Waiselfisz (2015)⁵, a performance ativa o contato para possíveis diálogos sobre tal mazela social.

Tendo esta premissa, a plataforma performativa de projeto *ABAJUR*, caminha na subjetividade das relações na confecção do objeto ‘abajur’ e em sua disposição sob olhares da Arte e da Sociologia (entretanto, pode-se também dimensionar as contribuições da performance em outros campos de estudos os quais aqui não se atreve a problematizá-los). Em exposição, busca o interstício social de dispositivo visual que ative diálogo (característica da performance). A denúncia – corpo da mulher, acontece por não ser uma representação do real, estas mulheres, se despem em busca de reflexo da verdade (com

⁴ Conceito utilizado em aula Arte da Performance a partir de pensamento de Deleuze e Guattari (1992).

⁵ WAISELFSZ, Júlio Jacobo. Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em www.mapadaviolencia.org.br. Acesso em: Março de 2018.

proteção do abajur) e reflexão em meio a obstáculos frequentemente encontrados. A Performance se ergue como vontade (e necessidade) de saturar poéticas do Ser e Estar mulher em ambientes frente a realidade vigente no Estado do Espírito Santo.

Impulsiona-se o poder da arte que traz à tona várias questões sociais com lirismo, sem perder a responsabilidade e a força da denúncia. Deste dispositivo – performance - não existe uma separação do campo de estudo para com o campo particular que a pesquisadora se permite. Quando há performance proposta pela/o própria/o cientista/artista, há partilha e reflexão dos atravessamentos da vida que interagem e consolidam a atuação na vida acadêmica. Sucede-se então, essencialmente, a diversidade da linguagem que imprime e deixa suas próprias marcas pessoais. A sensibilidade dessa pesquisa ousa caminhar ao encontro de uma visão que valorize o signo e a partilha de afetos no interstício social bem como o empoderamento da mulher nos espaços que lhe convir (revelados em Plataforma performativa *ABAJUR COR DE CARNE*).

Arte da performance - Artivismo feminista

A performance pode ser entendida como toda atividade de um dado participante numa ocasião específica que, de alguma forma, influencia os outros participantes, dando resistência às múltiplas formas de ser e estar habitando no mundo. Como umas das considerações - respostas da ação (reação) de performance ABAJUR tal sensação pode ser contemplada as palavras de Mourão: “[...] o potencial do corpo como espaço político e artístico para integrar arte e ativismo. Esse potencial reside na incorporação de uma emoção de entrega capaz de gerar mudanças a partir da performance, num paradigma onde para além da ‘arte pela arte’ emerge uma ‘arte atuante’” (Mourão apud Raposo, 2015) - tal pensamento sustenta o ‘ativismo’ presente neste artigo.

O termo em Raposo (2015) é elucidado no trabalho do artista brasileiro André de Costa que, “[...] tem vindo a desenvolver vários projetos que pensam a dimensão política da arte e cruzam os territórios do protesto social, procurando uma visibilidade artística de situações sociais politicamente significantes”. (2015, p. 3-5). O autor usa também o artigo de Chela Sandoval e Gisela Latorre que sustenta a prática e a obra artivista como anúncio de indivíduos e seus posicionamentos políticos no mundo, relação intrínseca entre arte e ativismo. Artistas e suas obras sociais – e por que não assimilá-las as atuações de cientistas sociais, utilizadas aqui como artivistas, impulsionam a denúncia em contexto

delicado de lutas pela liberdade, luta pela democracia... de lutas a frequentes tragédias sociais. Como exemplo de lutas concretizadas em artivismos temos inquietações como as propostas do Grupo Fluxus (RODRIGUES, 2015); a ‘Art/Life: one year, performance, de Linda Montano e Tching Hsieh (1983-84); a performance “The Seniors Project’, de Nikki S.Lee (1999); o protesto dos padrões de comportamento socialmente construídos, como se observa na performance “Genital Panic,” de Valie Export (1969) que expõe genitália em afronta a sociedade patriarcal; nos desejos masculinos sob pintura de corpo de mulheres de Nan Goldin, com “Scopophilia”; ainda sobre o corpo, aqui muito evidente como elemento de resistência na poética da artista francesa Orlan (anos 90 até atualidade) e suas performances de modificação corporal sob mesas de cirurgia plástica.

Neste mesmo viés da Arte em *Bodyart*, a premissa da performance *ABAJUR*— se dá por incentivo do pensamento do artista alemão, Beuys (2009, p.318): “[...] pois somente as novas ideias podem levar à realização de uma nova realidade”. As novas formas de fazer arte - a arte interativa, relacional, engajada, social, comunitária, participativa, revelam uma forma criativa e porosa de traduzir o status quo através de projetos artísticos , desde a criação, dos métodos e estratégias de artistas até os questionamentos da autonomia da estética, o surgimento de artistas, a filosofia e Sociologia da arte, o sujeito-artista-social e sua pluralidade, bem como mulheres ativistas da consolidação do protagonismo do devir mulher que denunciam o corpo da mulher na modernidade sendo e estando mulheres (performers/escritoras/sociólogas/pesquisadoras) que não se sujeitam a subjetividade conformista; mulheres que desafiam e transformam os padrões impostos, como se pode observar nas profundas denúncias em performances citadas por Warr e Jones (2000): “Cutpiece”, de Yoko Ono; as inúmeras performances de Marina Abramovic e Ulay; “Meatjoy”, de Carolee Schneemann; o radicalismo de Orlan com suas intervenções cirúrgicas sobre seu próprio corpo; Louise Bourgeois com “Corpore Female”, evidenciando a menstruação; Beth Moyses e sua “Memória do Afeto”; Tracey Emi com “Life Model goes Mad”; Eleanor Ontin, Laura Aguilar, Janine Antoni e Alice Austen.

Plataforma performativa ABAJUR COR DE CARNE

Ao se debruçar de contribuições do corpo que fala, *ABAJUR COR DE CARNE* potencializa as denúncias presentes no Estado do Espírito “Santo” em diálogos possíveis de mulheres que habitam o Estado brasileiro. Com primeira performance executada pela

pesquisadora (atuante na área das Ciências Sociais) e uma atuante na área das Artes Visuais – a colega de vida, Yule de Paula, inicia-se a ideia de performance com futuros amadurecimentos da poética/metodologia nas Ciências Sociais. Neste primeiro experimento dá-se visibilidade ao corpo acadêmico das Ciências Sociais quando ocupando as disciplinas das Artes sobre nova maneira de vibrar poética e questionar teorias enjauladas apenas (e não efetivamente e significativamente) a cientistas sociais.



(a)

(b)

Figura 1. Registros de primeira apresentação da performance ABAJUR COR DE CARNE, onde são apresentadas (a) fotografia em sala de Artes da Performance – UFES e (b) fotografia em ambiente externo – Campus Universitário. Fonte: Acervo pessoal (2014).

Em seguida, tecendo as contribuições de partilha, ABAJUR fora potencializado a formatos colaborativos e coletivos de experimentação, desta vez com a presença e co-autoria de colegas do curso de Ciências Sociais.



Figura 2. Registro de performance ABAJUR COR DE CARNE em Mostra de Arte feminista FEMMEXISTER, Aliança Francesa de vitória. Fonte: Caio Louback (2016).

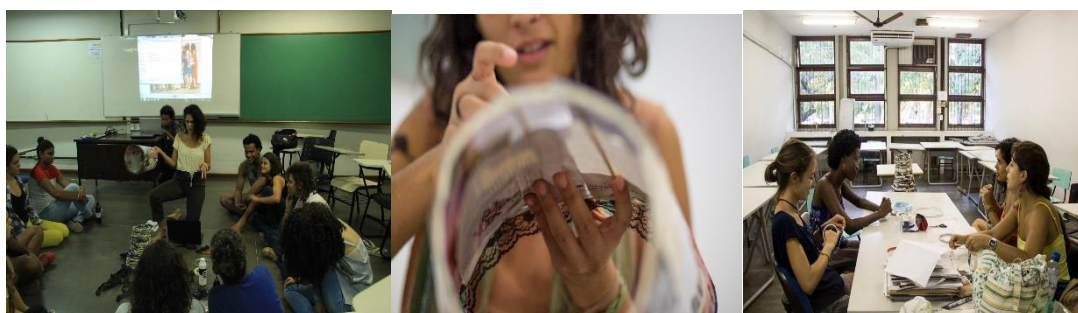
Por sua vez, a performance foi repensada a ser efetivada com mais corpos do devir mulher e com tal novo formato, a performance fora convidada para ação performance na Mostra de Arte feminista *FEMMEXISTER* da Aliança Francesa de Vitória em 2016⁶.

Das inúmeras manifestações de experiência com a Arte da Performance, é importante compreender a contribuição da união de momentos - oficinas, encontros, aulas

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uW6EM9uMTNo> Acesso em Maio de 2018.

expositivas em prol da performance. Assim, eis que a pluralidade de ser e estar mulher nos espaços se torna uma quando estas se organizam para problematizar questões universais através do canal de comunicação ativado pela Performance conjunta.

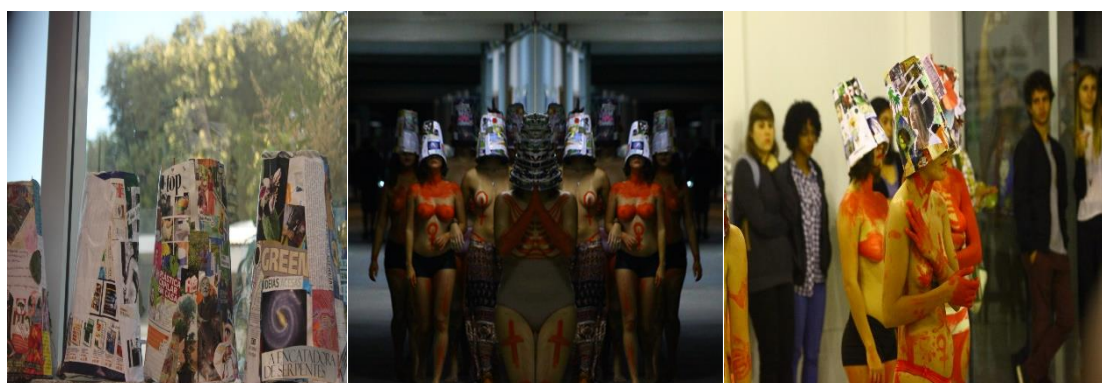
Ainda manifestando em dispositivos visuais de *ABAJUR* – com o apoio das redes sociais que viralizam a poética de performance Antes/Durante/Depois do encontro expositivo, a performance fora contemplada para ativação na mostra *DAVisuais*, na da Galeria de Arte e Pesquisa (GAP) da Universidade da UFES (Vitória-ES), em junho de 2016⁷. *ABAJUR* em sua última performance contou com a colaboração de mais mulheres, mais corpos, mais denúncias. Todas as estudantes atuantes da universidade, protegidas pelo abajur, atravessaram o campus da Universidade até o galpão de Arte e pesquisa (GAP). Artistas e público em geral deixaram demonstrações de afetos pela linguagem ativada e compartilharam das sensações sociais que a performance dimensiona em cada um. Aqui, por sua vez, se salienta a contribuição de afetos de cientista sociais contaminadas pela experiência de performance⁸.



(a)

(b)

(c)



(d)

(e)

(f)

⁷ Disponível em: <http://gapvix.blogspot.com.br/2016/06/blog-post.html> Acesso em: Julho de 2018.

⁸ Relatos da performance Abajur(2016) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pCxICDV3Bqc> Acesso em: Março de 2018.

Figura 3. Registros de Plataforma Performativa ABAJUR COR DE CARNE, onde são apresentadas (a) (b) (c) fotografia - Oficina de abajur ministrada pela pesquisadora, núcleo DISSOA e sala de aula – UFES; (d) fotografia – Confecção de dispositivo sensível, ABAJUR – UFES; (e) fotografia - performance externa (cortejo) galeria GAP – UFES; (e) fotografia - performance na exposição DAVisuais; (f) fotografia - performance na exposição DAVisuais.
Fonte: Jéssica Subtil, Josi Galina, Piatan Lube, Shay Peled. (2016).

As práticas artísticas quando assumem perspectivas sociais, iluminam a sociedade em profunda sensibilidade. Percebe-se a união de sensações/emoções/vivências em registros das oficinas, bem como no ato de apresentação em espaços institucionalizados. A poética de Bauman (1998) muito suscita essa nova Era da ‘Sociologia Artisticamente Engajada’ em sua obra “O mal-estar da pós-modernidade”, que quando reloca a posição do autor a um viés do Ser cientista social - quando a/o cientista social assume sua identidade de gênero no mundo, e, cada vez mais se aventura no universo de espaços para além da academia como lugar de criação de teoria in *locus* há a prática vital reflexiva muito mais introspectiva e sincera. A/O cientista acentua sua liberdade metodológica quando também preenche outros espaços e propõe novas formas de poética – assim como também se dá o movimento de artistas que abandonam seus ateliês (espaço formal para a criação e exposição de poéticas). O ativismo da cientista social/performer que propõe flexionar/ampliar espaços e problematizar seu campo específico de atuação, aumenta a contribuição sensível e outras questões sobre assunto – aqui, de performatividade feminina e os tantos feminismos. Sobre prover à complexa ‘liberdade’ que existe consideravelmente através da prática da criatividade e autenticidade da Arte, tal sentimento quando dimensionado no coletivo social, é explorado por Bauman (1998, p.136):

[...] uma vez que a liberdade toma o lugar da ordem e do consenso como critério de qualidade de vida, a arte pós-moderna, ganha muitos pontos. Ela acentua a liberdade por manter a imaginação desperta e, assim, manter as possibilidades vivas e jovens. Também acentua a liberdade ao manter os princípios fluidos, de modo que não se petrificassem na morte e nas certezas engecedoras.

A liberdade na criação em elucidação de fatos sociais é um potente suporte criativo para suscitar diálogos que precisam ser ativados, respeitando o olhar de todas/todos da estrutura social.

As ‘Obras sociais’ de Shannon (2011) abrilhanta diálogos (pela arte) de resistência. Quando ela refere-se a Claire Bishop (2006) como importante e atual pesquisadora da

arte politicamente engajada, que estuda os desafios das práticas militantes, quando relacionadas a atividades artísticas que favorecem e dialogam com a realidade de comunidades e seus indivíduos. Shanon (2011, p. 26-27) cita Bishop a qual evidencia enfim, o “entre as artes sociais” e a crítica estética para com a representação social que acontece, uma vez que o mercado da arte, críticos e artistas se preocupam com a instrumentalização das artes, por predeterminação de agendas cívicas e estaduais. A arte tem caráter social como um ato de apoio. O objeto, como algo vivo, é algo característico do século XX e muito interessa a discussão da estética, da autonomia do objeto de arte, e obviamente das Ciências Sociais- de quando a representação sucede o substrato sugerindo uma produção social.

Considerações finais

A partir de engajamento artístico, ousou me expor e impor minha posição enquanto mulher estando ora Cientista Social ora performer. Me coloco em frequente movimento de via de mão dupla da ASE. As práticas artísticas quando assumem perspectivas sociais, espelham a sociedade, compactuam da estreita e (in)fiel relação da Arte para com a Sociologia. Artistas/ performers sociais concebem problemas sociais e sugerem novas oportunidades na sua visibilidade, além da colaboração visual de exposição que reabilita o espaço, galeria, academia, do momento exato da performance, sendo assim, uma arte-ação social que promove ao infundável movimento da estética relacional incitada por Bourriaud (2009).

As militâncias são plurais, assim como a mulher (e demais seres com suas identidades ‘livres’) é, e com um grupo de Mulheres, a performance de *ABAJUR* construiu e constrói em atravessamentos interventivos um potente e urgente ativismo que a performance a configura: O corpo/mente da mulher em unidade. A luta primordial que se reverbera é a luta pelo corpo – rebaixado pela condição de mulher: A luta pelo aborto, a luta pelo fim da “cultura do estupro”, e isso une todas as mulheres de todas as classes e raças a uma luta efetivada por seus corpos em soberania absoluta! Assim como o desafio também consiste na fiel protagonização de Ser Mulher, bem como a “perda da dicotomia corpo/mente que as objetifica” (Tiburi,2017)⁹.

⁹ Entrevista M. Tiburí. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=obqRXfsfaY>. Acesso em: 27 fevereiro de 2018.

Da fuga em todas as instâncias de serem seres manipuláveis. O primeiro feixe de luz acionado por *ABAJUR* revela caminhos de atuação rumo a uma reflexão que vibre no particular e comum de toda Mulher que habita. A bonança de exposição de tema/objeto que se constrói e se desconstrói no interior do pesquisado e pesquisador, da pesquisada e da pesquisadora as unem em horizontalidade e tal afinidade de aproximação também aflora a potente possibilidade metodológica para Ciências Sociais na reciprocidade da ASE, isso significa um outro possível olhar para as Artes e para os estudos voltados a sociedade – prática pendular de alteridade de campos de estudos.

A maneira mais sincera de mobilizar mulheres acontece quando uma mulher permite o olhar da outra no mundo; essa é uma forma de contemplarmos a complexidade da pluralidade feminista. De certa forma, alguma coisa precisa nos unir, algo que nos toque e isso é a vontade de iluminar ideais de movimentos singulares de Ser Mulher e sua dificuldade de diálogo entre mulheres e entre mulheres e homens. A arte social nos ativa a partilha!

Como ora cientista social e porta voz das minhas sensações que se assimilam as sensações de outras/outros, o que eu na minha subjetividade (em *Abajur*), de mulher-corpo- luz, de pesquisadora, de filha, irmã, companheira, exijo da demanda materializada e por sua vez objetificada da representação da Mulher na História passada e atual? Como habitar o mundo em performatividade feminina quando a sociedade impera moldes que as impedem de caminhar de acordo com sua vontade pessoal? Mulheres caminham em performances todos os dias sem as muralhas da arte para protegê-las bem como ambientes são construídos para conduzir tipos de performances sociais. Caminham em busca do reflexo de suas verdades em universidades, bares, hospitais, igrejas, senados e onde lhes convir. Caminham mesmo que encontrem obstáculos frequentemente reverberados no cotidiano, como estereótipos, opressões e todo tipo de violência que as impedem de ser como quiserem e onde quiserem.

O trabalho, por fim, sucede num delicado processo de amadurecimento de suporte da Arte – Performance- e cada vez mais no contato pedagógico e metodológico de partilha dos afetos a partir de tal contribuição artística. A performance se refaz a cada partilha, a cada história, a cada trauma compartilhado/ re-escrito/ re-corporificado. Afinal, nenhuma pauta vai elevar todas as mulheres, é preciso perceber a outra, o outro. A bonança acontece quando a/o cientista social não fala por alguém, cativa o diálogo da arte

contemporânea de retratar o indivíduo do ponto de vista dela/e com autoridade e propriedade de si como diferença.

A pesquisa atreve-se em promover interlocuções entre a Performance das Artes Visuais e a partir deste contato de forma a trans-formar as Ciências Sociais, fazendo do corpo um campo e mergulhando neste campo que revisita o corpo da mulher no espaço, promovendo, quiçá, a performance como estratégia metodológica nas Ciências Sociais.

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmunt. 1998. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar,
- BEUYS, Joseph. 2006. Revolução somos nós. In: COTRIM, Cecilia; FERREIRA, Glória (org). Escritos de Artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.
- BORNHEIM, Gerd. 1998. Páginas de Filosofia da Arte. Rio de Janeiro: UAPÊ.
- BOURRIAUD, Nicolas. 2009. Estética Relacional. São Paulo: Martins.
- HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica. 2011. Pedagogia no campo expandido. Porto Alegre, Fundação Bienal de Artes Visuais do MERCOSUL.
- JACKSON, Shannon. 2011. Social works: performing art, supporting publics. New York: Routledge.
- JONES, Amélia; WARR, Tracey. 2003. The Artist's Body. New York: Phaidon.
- RANCIERI, Jacques. 2005. A partilha do Sensível: Estética e política. Brasil: Editora 34.
- RAPOSO, Paulo. 2015. Artevismo: articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de Arte e Antropologia. v.4, n. 2.
- TRIPP, David. 2005. Pesquisa ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez.